



I Semana Acadêmica do PPG Teologia da PUCRS

Antropologia Teológica | Eclesiologia | Teologia Fundamental | Teologia Bíblica

Agemir Bavaresco | Ludinei Marcos Vian | Rafael Martins Fernandes (Orgs.)



I Semana Acadêmica do PPG Teologia da PUCRS

Antropologia Teológica
Eclesiologia
Teologia Fundamental
Teologia Bíblica

Organizadores:

Agemir Bavaresco
Ludinei Marcos Vian
Rafael Martins Fernandes



Verdade na *primeira apologia* de justino mártir: um projeto de pesquisa

Diego dos Santos Wingert¹
Cássio Murilo Dias da Silva²

Introdução

No decorrer da história, muitos têm buscado implementar estudos consistentes sobre os passos dos primeiros pensadores do cristianismo acerca das mais variadas questões temporais. Nos últimos anos, a multiplicação de estudos sobre as perseguições, as seitas, a teologia e a filosofia, bem como novas análises da formação dogmática partindo da abordagem dos Pais, cada vez mais abundam dissertações, monografias, artigos, ensaios e outras publicações sobre temas correlatos.

Entretanto, naquilo que é relacionado a Justino, e no que tange ao material disponível em nosso português, a produção é pouca e de baixa ênfase em erudição. Definitivamente, não se acha nenhuma obra específica sobre Justino em nossa língua. De toda a sua produção textual, apenas as suas *Primeira* e *Segunda Apologias*

¹ Teólogo graduado pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); mestrando do programa de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001./This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001. E-mail: diego.wingert@acad.pucrs.br

² Professor permanente do programa de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9014214314232293>.

e o seu *Diálogo com Trifão* estão disponíveis em nossas livrarias, na publicação da Editora Paulus, na coleção “Patrística”.

A partir do dia de Pentecostes (At 2,1-11), o encargo da mensagem cristã efetivamente foi entregue aos apóstolos e discípulos de Cristo, os quais iniciaram esta missão de acordo com uma orientação do próprio Cristo, a qual, posteriormente, foi estabelecida em dois grandes processos de expansão (EARLE, 2006). O primeiro, estava delimitado à capital (Jerusalém) e seus arredores (Judeia e Samaria), região hoje denominada Palestina. Esta fase inicial teve grande sucesso e seus expoentes humanos foram os apóstolos Pedro, Tiago e João, bem como os diáconos Estevão e Filipe (At 1-10). O segundo processo de expansão começou no momento em que as atividades missionárias se voltaram para os “gentios” – os diversos grupos de predominância não israelita e de práticas politeístas –, iniciando-se com o próprio Pedro (At 10,1-48), mas alcançando seu ápice na figura do apóstolo Paulo, como o personagem de maior abrangência para o assunto, o que o fez autodeclarar-se “*apóstolo dos gentios*” (Rm 11,13).

Diante deste quadro de internacionalização da fé cristã, significativos aspectos começam a cristalizar-se no decurso do primeiro para o segundo século, tendo a helenização como fator determinante neste conjunto (CAIRNS, 1995), algo que já se observa nos escritos bíblicos do último quarto do primeiro século, especialmente nos escritos joaninos (HÄGGLUND, 1999). Também como evento característico desta mudança, notamos a ênfase dos chamados “Pais Apostólicos”, sendo esta a nomenclatura dada aos primeiros embaixadores que se tornaram herdeiros da mensagem apostólica (DROBNER, 2008). Contudo, já no século II, vemos uma fé cristã “desjudaizada”, ou, melhor dizendo, multifacetada (FLUCK, 2012). Justino – já catalogado como Pai Apologista – fez parte deste segundo período. Sobre este pano de fundo situa-se nossa proposta de análise do que Justino considera “*Verdade*”: uma substância formada como o que Justino definia com factual composição.

O autor usa de esmero e diz: “E para que se torne evidente para vós, vamos apresentar-vos a prova de que aquilo que dizemos, por tê-lo aprendido de Cristo e dos profetas que os precederam, é a única verdade e a mais antiga do que todos os escritores que existiram.” JUSTINO, *I Apologia*, XXIII, 1). Assim, nos interrogamos: De forma historiográfica, o que seria perceptível nesta porção de sua obra como correlação e inteiração de culturas em sua época? Haveria necessidade de provas factíveis de um novo *modus vivendi* no contexto cultural de Justino? O autor sugere um apelo ao uso da razão, diante daquilo que se assimilou através da nova doutrina?

As perguntas formuladas acima são vitais para o estabelecimento de limites, a fim de não incorrerem em erros, uma vez que são dois aspectos específicos nesta proposta. Primeiramente, o fato de que o cristianismo não mais poderia (naquele período histórico) ser meramente confundido com uma seita oriunda do judaísmo (SIMONETTI, 2010). Segundo, mesmo diante de um choque profundo de culturas antagônicas, manteve-se no cristianismo um considerável corpo de sua doutrina fundamental, o que lhe confere um regido caráter de catolicidade (HÄGGLUND, 1999).

1 Procurando a *verdade*

O campo de pesquisa desta investigação restringe-se à Patrística/Patrológia e visa a construção sistemática de um axioma conceitual (*Verdade*), escolhido (detectado) através de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida junto aos denominados Pais Apologistas do Século II d. C. O ponto de partida para o desenvolvimento desta inquirição é formado pelas obras de Justino de Roma, também conhecido como Justino Mártir. Mais especificamente, o estudo versará sobre os capítulos 23 a 30 da *Primeira Apologia*. Iniciamos com um exame de como Justino interpretava a *Verdade* em seu contexto vivencial, tomando e fazendo da respectiva área de delimitação seu limite temático,

porém não textual, pois as mesmas bases conceituais encontradas nos capítulos citados se apresentam de forma diversificada em outras passagens da mesma obra, além de se repetir de forma similar nos demais escritos preservados do autor.

Como mencionamos anteriormente, estudos bibliográficos acerca da referida obra revelaram um cenário riquíssimo em detalhes da religiosidade cristã na antiguidade, o que gerou a seguinte interrogação: Qual seria o sentido do vocábulo “verdade”, utilizado largamente por Justino naquela seção e em outras passagens de sua primeira obra apologética? Esta pergunta sintetiza o problema central ao qual nos propomos responder nesta pesquisa.

A partir deste ponto, formulamos as reais suposições norteadoras da pesquisa, que se apresentam como teóricas alegações, que no nosso entendimento podem responder à questão central formulada acima. Aqui salientamos que, para esse fim, são necessários cinco passos metodológicos:

1) arrolar provas factíveis de um novo *modus vivendi* reconhecido naqueles que se denominavam cristãos, pois a necessidade de uma mudança de hábitos e práticas sempre é exigida quando se procura demonstrar uma transformação em determinado cenário cultural (MEEKS, 1997);

2) apresentar fatos relacionados à ordem sistemática (litúrgica, cültica, etc.) de um grupo (cristãos) segundo critérios que demonstram que a regularidade de novos hábitos comportamentais garante uma distinção do *status quo* religioso vigente no universo greco-romano (HAMMAN, 1997);

3) aplicar uma inserção de postura paradoxal para com os assuntos de ordem pública e privada (Igreja *versus* “mundo”) que cada súdito deveria respeitar e dispor-se em obedecer;

4) tomar a questão explícita acerca do uso da razão (racionalidade) como um meio irrefutável para o contexto intelectual da época, uma vez que a razão era entendida como um mecanismo que delineava a *Verdade* no conjunto da realidade única;

5) apresentar, por fim, um conceito epitético notoriamente descrito por Justino como determinante para questões de ordem humana, definido através de um elemento existencial ocorrido na história (encarnação) e que já antes havia sido projetado (profecias messiânicas) para o bem de se conhecer a *Verdade* (HALL, 2003).

2 Por que saber a *Verdade*?

Nossa principal intenção nesta pesquisa será examinar uma proposta de desenvolvimento da ideia do que é a *Verdade* a partir da descrição da obra intitulada *Primeira Apologia*, de Justino Mártir. Acreditamos que no processo de formação, desenvolvimento e consolidação do cristianismo como religião, alguns valores de sentido absoluto (dogmáticos) foram promovedores de um esquema de reconhecimento. Estes, amparados por sinais e símbolos (alguns com literal evidência informativa), provocaram uma eficiente identificação cristã, chegando a externar, por meio de preceitos e práticas ordenadas, um real enobrecimento, e assim distinguiram o "ser" cristão dos demais, nos dois primeiros séculos depois de Cristo (STEGEMANN, E.; STEGEMANN, W., 2004). Nesta perspectiva, a *Primeira Apologia* caracteriza-se incontestavelmente como uma das principais contribuições para o entendimento deste processo em seu tempo e espaço (SANTOS, 2012).

Desta maneira, salientamos a necessidade de se aprofundar o conhecimento nos aspectos factíveis apresentados por Justino nos 23 a 30 de sua *Primeira Apologia*, onde se encontra: “[...] é a única verdade e a mais antiga do que todos os escritores que existiram. Não pedimos que se aceite a nossa doutrina por coincidir com eles, mas porque dizemos a verdade.” (JUSTINO, *I Apologia*, XXIII, 1). A elaboração deste compêndio visa retratar a ideia de fatos e/ou atos reconhecidos pelo autor em sua tentativa (pelo menos a priori) de defender a fé cristã. Sua formidável apresentação de critérios sobre os hábitos cristãos, somados a uma ênfase sistemática de apresentar esta postura como universal, reforçam a tentativa de Justino para

salientar que os seus critérios se distinguem dos demais, e isso por uma postura paradoxal (até mesmo dicotômica) de suas práticas tanto no foro privado quanto no público (WALDE, 2015), o que faz com que o autor contextualize sua noção de *Verdade*.

Nesta ótica, podemos desenvolver um cenário que contribui com prestígio para o meio teológico vigente. É necessário observar de imediato que a utilização da obra tem sido um recurso para pesquisas em teologia dogmática/sistemática, história, filosofia e, mais recentemente, antropologia e sociologia. Quanto aos objetivos da *I Apologia*, é notório e de simples percepção a incisiva aplicação do autor contra atitudes preconceituosas e supersticiosas da cultura greco-romana (STEGEMANN, E.; STEGEMANN, W., 2004). Com concretas evidências, a mesma ressalva se contextualiza em nosso meio religioso, no qual práticas relativistas, sincretistas e idolátricas recheiam os movimentos contemporâneos do cristianismo. Conjuntamente à realidade explicitada, necessitamos frisar a importância da identificação de doutrinas cristãs balizares, que nos possibilitam um levantamento de valores e preceitos históricos (DROBNER, 2008), o que ocasiona, quase que de forma automática, uma autocrítica para com o quadro atual da cristandade, especialmente a nível individual, no qual o TER, parece apresentar mais valor do que o SER (ESPERÂNDIO, 2007).

A contemporaneidade carece de afirmações, de absolutos (BAUMAN, 2001); deste modo, salta aos nossos olhos o parecer (juízo) claro de Justino ao afirmar o que é único e ao distinguir o que de fato é elementar. Nesse caso, a possibilidade de um diálogo contemporâneo sobre a ênfase de Justino nesta pequena porção da *Primeira Apologia* (capítulos 23-30) encontra fértil campo para pesquisa. Evidências concretas surgem nessa comparação, como por exemplo: a consciência cristã de Justino quanto à sua realidade social como ferreamente para olhar criticamente a secularidade pós-moderna; o uso dos “meios da razão” (racionalidade), fortemente estruturados na filosofia de Justino como termômetro de lógica para nossos dias (BOEHNER; GILSON, 1991); a aplicação de um ponto de

caráter apoteótico como conclusivo de uma questão retratada no capítulo 30 da obra. Hägglund menciona tal contexto:

Justino investigou os estóicos, os peripatéticos e os pitagóricos, mas todos o deixaram indiferente. Por último chegou a um platonista e pensou ter encontrado com ele a verdade. Então encontrou-se com um velho, desconhecido, que dirigiu sua atenção aos profetas do Antigo Testamento, insistindo que tão-somente eles tinham visto e proclamado a verdade. (HÄGGLUND, 1999, p. 22).

Portanto, diversos aspectos justificam a validade de uma pesquisa que vise compreender a representação do discípulo, da Igreja e do “mundo” diante da máxima de Justino. Este dito sentencioso – um real axioma na perspectiva do autor, mesmo que a ênfase seja demonstrá-lo e prová-lo – retrata sua origem, ou melhor, suas raízes filosóficas. Em toda a obra de Justino, o *Logos* é enobrecido e acreditamos ser possível retratar o que significa a *Verdade* para este autor, que a defendeu e sustentou com o custo da própria vida.

3 Caminho para a *Verdade*

A pesquisa sobre o conceito de *Verdade* na *Primeira Apologia* de Justino exige a utilização de variados recursos teóricos. Em primeiro lugar, as versões em português e grego do tratado a ser estudado. No Brasil, encontra-se a publicação assinada por Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin na coleção “Patrística”, da editora Paulus. O texto em seu idioma original é encontrado em duas obras: a *Apologie pour les chrétiens*, de Charles Munier, e o volume 6 da coletânea *Patrologiae Cursus Completus, Series Graeca*, disponível no site da Documenta Catholica Omnia, editado por Jacques Paul Migne. Os textos do Antigo Testamento empregados por Justino podem ser confrontados com a edição crítica da *Septuaginta*, da Deutsche Bibelgesellschaft.

A abordagem dos aspectos dogmáticos, exegéticos, históricos e sistemáticos exigirão a consulta a obras de especialistas já consagrados, bem como de diversas monografias acadêmicas (dissertações e teses). Felizmente, boa parte deste material de pesquisa encontra-se disponível na *internet*.

Quanto ao método de pesquisa, é necessário seguir o procedimento indutivo (ARRUDA, 2010), a fim de estabelecer criteriosamente os “fatos” e os problemas que subjazem às respostas dadas por Justino em seu texto apologético. Deste modo, por meio de uma postura estruturada na área das comparações (ARRUDA, 2010) – metodologia que será bastante ascendente em determinados momentos do relato – será possível desenvolver tanto o paralelo quanto o contraste entre os grupos analisados, especialmente por meio das ações de cada um deles.

Sem dúvida, partir de uma obra para compreender o universo sociocultural em que ela surgiu e ao qual o autor quer fazer frente exige procedimentos metodológicos sérios e rigorosos. À questão formulada por Quentin Skinner: “Quais são os procedimentos adequados a escolher na tentativa de chegar a uma compreensão da obra?” (SKINNER, 1988, p. 29, *apud*, SANTOS, 2012, p. 21), o pesquisador deve responder sempre e repetidamente para não abandonar a seriedade metodológica requerida para uma sadia interpretação textual do material disponível para o bom êxito de uma pesquisa bibliográfica. Portanto, cabe-nos zelar por esta integridade, e pela compreensão da importância de produzirmos trabalhos acadêmicos dentro deste estio.

4 Propósitos para se conhecer a *Verdade*

Uma pesquisa sobre o conceito de *Verdade* na obra apologética de Justino constitui um objetivo de caráter “programático” e parcial, pois é impossível alcançá-lo adequadamente sem em identificar com clareza o que seria a *Verdade* como um elemento constituído no *cosmos*. Para nós, esse

processo de exame da obra e do pensamento de Justino é conjectural; para Justino, porém, nada desse conjunto era hipotético (KELLY, 1994). Por isso, o objetivo geral de uma pesquisa aquela temática exige atingir cinco objetivos parciais e específicos, que respondem de forma satisfatória as questões particulares e que nortearão todo o processo de desenvolvimento de construção do conjunto:

- 1) desenvolver uma análise referencial dos fatos congruentes (postura dos cristãos) apontados por Justino;
- 2) comparar e identificar as práticas eclesiológicas relacionadas por Justino com as que atualmente ainda se encontram no rito cristão histórico e universal;
- 3) comparar as práticas cristãs definidas por Justino com as secularizadas de sua época (HAMMAN, 1997);
- 4) justificar o que Justino almeja com a citação “Se alguém não crê que Deus se preocupe com essas coisas,” (JUSTINO, *I Apologia*, XXVIII, 4), relacionada ao uso da razão como a condição excelsa do Ser Humano em meio à criação;
- 5) descrever a condição, o caráter e a possibilidade de realizar o estado de “sucesso pessoal” descrito por Justino.

Ligados a estes objetivos parciais, há ainda cinco objetivos secundários, que chamaremos de “projetivos”, pois oferecem contribuições de caráter vivencial e reflexivo para a contemporaneidade (PRUNZEL; WEBER; SCHNEIDER, 2012), fazendo com que a pena de Justino continue a causar impacto em nossos dias através de sua abertura de alma, de sua vontade de diálogo e de sua capacidade de acolher (HAMMAN, 1997). São eles:

- 1) avaliar o adágio popular “contra fatos não há argumentos”, com a perspectiva de apontar o que seria considerado como um “fato” histórico em nossos dias, usando como base as evidências trazidas por Justino;

2) afirmar a *praxis fidei* de Justino como autêntica herança transmitida pela tradição eclesial, e confrontá-la com as práticas da religiosidade cristã na contemporaneidade;

3) confrontar o secularismo primitivo com a atual;

4) inserir uma crítica ao contexto histórico denominado de “pós-modernidade” a partir do uso da lógica utilizada por Justino e da sua postura médio platonista (KELLY, 1994);

5) analisar de forma sintética a atual compreensão confessional (Católica Romana, Luterana e Reformada) da importância profética dos escritos Veterotestamentários no que tange ao cumprimento Messiânico (DREHER, 1993; GONZÁLEZ, 1995).

5 Construção para a *Verdade*

Buscando se apresentar um panorama mais adequado da proposta do problema a ser investigado, prevê-se uma exposição em quatro capítulos. O primeiro tem como proposta objetiva apresentar um resumo biográfico da figura de Justino em seu meio social. Seu contexto histórico será sucintamente abordado. Visando também apresentar traços importantes para a compreensão do contexto da argumentação base – mesmo que também apresentada de forma sintetizada – agregar-se-á a perspectiva cultural de Justino, que levará a uma abordagem sobre sua formação filosófica, aspecto determinante para o desenvolvimento desta pesquisa, em especial para o entendimento do terceiro capítulo.

O segundo capítulo será de cunho analítico, seguindo um método lógico que acarretará, em determinado sentido, em uma postura empírica. Serão apresentadas provas factíveis de um novo *modus vivendi* proposto por Justino na conjuntura social da época, fato altamente desafiador, que se ensaia na própria espécie da *Primeira Apologia*, pois tem como pano de fundo as perseguições aos cristãos que, no entendimento de Justino, eram injustas (POPE, 2001). Também neste contexto, é indispensável não incorrerem na

exibição de critérios que, para o autor, demonstravam uma ordem sistemática de um grupo (MEEKS, 1997). Aqui, salientamos o ponto inicial das caracterizações de que havia um estado manifesto de certeza do que era a *Verdade* para Justino.

Ainda no segundo capítulo, convém fazer uma inserção de postura paradoxal quanto a assuntos de ordem pública e privada. Indispensável para a futura análise é compor o método do autor que compara algumas práticas cristãs já consagradas com as secularizadas de sua época (BUNSON, 2002). Justino opta por identificar as mesmas práticas como meios simbólicos do cristianismo (eclesiológicas por regra), as quais podem, no contexto atual, caracterizar-se como parte de um conjunto do “rito” cristão histórico e universal (PADOVESE, 1999).

No terceiro capítulo, o ponto de partida é um formal apelo desenvolvido por Justino no capítulo 28 da *Primeira Apologia* para o uso da razão. Tal apelo servirá para explicitar o filósofo Justino, sintetizando suas influências oriundas do estoicismo e do médio platonismo (JAEGER, 1961), além de justificar o que Justino almejava com a citação “Se alguém não crê que Deus se preocupe com essas coisas (*uso da razão*)” (JUSTINO, *I Apologia*, XXVIII, 4, destaque nosso).

Por último, o quarto e derradeiro capítulo fará uma exposição mais ampla da expectativa circundante à alcunha “*Verdade*” em Justino, a fim de propor um exame da revelação das profecias do Antigo Testamento segundo a figura de Jesus Cristo na visão daquele autor (CAMPENHAUSEN, 2005), para chegar a um conceito epitetico como definidor para esta questão, além de enumerar a condição, o caráter, e o próprio ser da realização do conceito de “sucesso” descrito por Justino no compêndio destes capítulos instrumentais (XAVIER, 2014).

Em resumo, no primeiro capítulo apresentar-se-á o contexto da figura histórica de Justino e seu meio sociocultural; no segundo, serão retratados aspectos significativos sobre a contraposição de hábitos deste cenário humano; no terceiro, serão analisadas a

inteligibilidade do autor e a sua resistência a uma previsão meramente sensível do agregado vivencial ou funcional de sua realidade; no quarto, argumentar-se-á que no entendimento do Apologista havia uma sentença máxima que comprovava em definitivo que a *Verdade* fora, era e continuaria a ser um elemento existencial no “mundo”.

Conclusão

Esta pesquisa investiga uma das concepções mais pesquisadas e discutidas da história da teologia e da filosofia e que envolve o Ser Humano em sua *intra*, *inter* e *extra* relação com o “mundo” que o cerca e o constitui. Nisso, o conceito de *Verdade*, que exprime e expressa uma noção exata do que seria a realidade sincera nas relações de ordem humana, torna-se dogmático, pois apresenta-se como uma alcunha na descrição apologética de nosso autor (Justino Mártir). Este ponto axiomático, revelado por Justino, está presente em todo o conjunto de um de seus mais conhecidos e nobres tratados literários (SANTOS, 2012). A *Primeira Apologia* está repleta de uma empolgante apresentação do termo “verdade”, que se torna mais do que um superlativo junto à gramática: torna-se um predicativo que efetivamente une uma ideia a um objeto, e esse objeto é um sujeito. Hamman, ao comentar sobre a vida de Justino, sintetiza bem, e com vitalidade, o que se procurará desenvolver nesta pesquisa:

Sua vida foi uma longa procura da verdade. De sua obra, redigida com rudeza e sem arte, depreende-se testemunho cujo valor cresceu com os séculos. Para esse filósofo, o cristianismo era, em primeiro lugar, não uma doutrina, nem um sistema, mas uma pessoa, o verbo encarnado e crucificado em Jesus, que lhe revelou o mistério de Deus. (HAMMAN, 1997, p. 152).

Importa registrar ainda que outros aspectos de relevância exigiriam muito mais tempo e páginas do que o possível para esta

pesquisa e, portanto, infelizmente, não poderão infelizmente ser agora tratados. Contudo, é conveniente citá-los, ainda que de modo sumário: uma maior ênfase na questão do martírio cristão como elemento habilitador na construção da alcunha pesquisada; uma melhor descrição do conceito de *Logos*, tanto para a cultura helênica quanto para os cristãos; uma abordagem sobre o conceito “Jesus Cristo, mestre dos cristãos”, elaborada por Justino (*I Apologia*, XIII, 3; XIX, 6; XXI, 1); uma análise pormenorizada da força ilocutória desses atos e discursos apologéticos.

Portanto, a *Primeira Apologia* de Justino Mártir revela e retrata a sua concepção do que é ser cristão e do que significa viver na *Verdade*. Evidenciar esta *Verdade* foi para Justino necessariamente “setorizá-la”, pois a postura de um grupo definia evidentemente seu estado de pertencimento a esta parte da vida, a qual esta verdadeira sinceridade pode ser concebida e na qual a realidade autêntica de Deus para os seres criados pode ser usufruída genuinamente. Transparece ainda de forma intensa sua postura em transmitir essa máxima e assim caracterizar sua posição por meio da distinção. É fato que essa demonstração também visava proteger e resgatar seu povo de um cenário hostil, salientando através dessa postura uma clara separação de valores e preceitos. Por fim, importante é frisar que para Justino a única via para ser cristão era crer e professar que Aquele que fora prometido pelos antigos profetas de Israel e também “percebido” pelos antigos filósofos gregos veio em carne e apresentou à razão humana os meios de como se proceder “afirmando a *Verdade*!” (JUSTINO, *I Apologia*, XLIII, 2a, grifo nosso).

Referências

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. 2.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

- ARRUDA, Elton. *Como fazer a Metodologia em um Projeto?*. Disponível em: <http://www.biblioteconomiadigital.com.br/2010/07/como-fazer-metodologia-em-um-projeto.html>>; Acesso em: 21 de ago. 2018.
- ARZANI, Alessandro; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *A Origem da Tradição Apologética Cristã e Justino Mártir*. Disponível em: < <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2010/pdf/03.pdf>>. Acesso em: 27 de set. 2018.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A.; HANSEN, João H. *Patrística: caminhos da tradição Cristã*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. *Septuaginta (Sem Acentuação) Antigo Testamento Grego*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1935; 2007, Versão Eletrônica.
- BUNSON, Matthew. *Encyclopedia of the Roman Empire*. New York: Facts on file Inc., 2002.
- CAIRNS, Earle. *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CAMPENHAUSEN, Hans Von. *Os Pais da Igreja: A Vida e a Doutrina dos Primeiros Teólogos Cristãos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- EARLE, Ralph. *Livro dos Atos dos Apóstolos*. In: *Comentário Bíblico Beacon. João e Atos, V. 7*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- ESPERÂNDIO, Mary R. G. *Para entender pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

FALLS, Thomas B. *The Fathers of the Church*. New York: Christian Heritage, 1948.

FIGUEIREDO, Fernando A. *Curso de Teologia Patrística I: A vida da Igreja primitiva (Séculos I e II)*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FLUCK, Marlon Ronald. *Teologia dos Pais da Igreja*. Curitiba: Escritores Associados, 2012.

FOXE, John. *O Livro dos Mártires*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

GONZÁLEZ, Justo L. *A Era dos Mártires*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 6.ed. Porto Alegre: Concórdia, 1999.

HALL Chirstopher A. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*. São Paulo: Ultimato, 2003.

HAMMAN, Adalbert Gautier. *Os Padres da Igreja*. 2.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos (95-197)*. São Paulo: Paulus, 1997.

HASTENTEUFEL, Zeno. *Infância e Adolescência da Igreja*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

INSUELAS, João B. Lourenço. *Curso de Patrologia: história da literatura antiga da Igreja*. 2.ed. Braga: PAX, 1948.

IYSTINOY. *Próte Apología*. Disponível em:
[http://www.documentacatholicaomnia.eu/20vs/103_migne_gm/0100-0160,_Iustinus,_Apologia_Prima_\(MPG_006_0327_0440\),_GM.pdf>](http://www.documentacatholicaomnia.eu/20vs/103_migne_gm/0100-0160,_Iustinus,_Apologia_Prima_(MPG_006_0327_0440),_GM.pdf>);
Acesso em: 21 de ago. 2018.

JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Lisboa: Edições 70, 1961.

JUSTIN. *Apologie pour les chrétiens*; introduction, texte critique, traduction et notes par Charles Munier. Paris: Cerf, 2006.

- JUSTINO DE ROMA. *I Apologia*. Introdução e Notas Explicativas de Roque Frangiotti. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *II Apologia*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *Diálogo com Trifão*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- KELLY, John N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- LESBAUPIN, Ivo. *A Bem-Aventurança da Perseguição – A vida dos cristãos no Império Romano*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MEEKS, Wayne A. *As Origens da Moralidade Cristã*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MINNS, Denis; PARVIS, Paul. *Justin, Philosopher and Martyr: Apologies*. New York: Oxford University Press, 2009.
- NORRIS, Junior. *The Apologists*. Cambridge: University Press, 2004.
- OTTO, Johann Carl Theodor (E.). *S. Iustini philosophi et martyris opera quae feruntur omnia: Volume 1, Part 1*. Chicago: Prostat apud Fride. Mauke, 1847.
- PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____, Luigi. *Lexicon – Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.
- PADRES APOLOGISTAS. Introdução e Notas Explicativas de Roque Frangiotti. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.
- POPE, Kyle. *The Second Apology of Justin Martyr*. Kansas: Ancient Road, 2001.
- PRUNZEL, Clóvis Jair; WEBER, Otávio José; SCHNEIDER, Laíno Alberto. *Pesquisa e construção do conhecimento em teologia*. Canoas: ULBRA, 2012.

- RIVAS, Fernando. *San Justino en el proceso de separación entre Judaísmo y Cristianismo*, Verbo Divino, Madri, n. 98, 2018/II.
- SANTOS, Samuel Nunes dos. *Identidade Cristã no Século II d. C.: Uma Análise da I Apologia de Justino Mártir*. 2012. 178 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- SANTOS, Samuel N.; GONÇALVES, Ana Teresa M. *A Aplicação do “Contextualismo Linguístico” e a busca da compreensão da I Apologia de Justino Mártir*. Acesso em: 21 de ago. 2018.
- SCOTT, Benjamin. *As Catacumbas de Roma*. 13.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- SIMONETTI, Manlio (Org.); BERARDINO, Angelo di; FEDALTO, Giorgio. *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Ave Maria, 2010.
- SKINNER, Quentin. *Meaning and Understanding in the History of Ideas*. In: TULLY, James. *Meaning and Context – Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988. p. 57-89.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.
- WALDE, Rick. *Justino Mártir: Defensor da Igreja*. Disponível em: <<http://logoshp.6te.net/APO25.htm>>. Acesso em: 11 set. 2018
- WACHHOLZ, Wilhelm. *História da Igreja Antiga e Medieval*. São Paulo: Know How, 2010.
- XAVIER, Erico Tadeu. Justino Mártir: Um Filósofo em Defesa da Fé Cristã. *Último Andar* (ISSN 1980-8305), São Paulo, n. 24, dez. 2014.